

## A CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2022 E OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA À LUZ DO SÍNODO ESPECIAL PARA A AMAZÔNIA

## THE FRATERNITY CAMPAIGN AND THE CHALLENGES OF EDUCATION IN AMAZON STATE IN LIGHT OF THE SPECIAL SYNOD FOR THE AMAZON

*Márcia Maria de Oliveira\**

**Resumo:** Neste artigo trazemos para o debate o tema da Campanha da Fraternidade 2022 'Fraternidade e Educação' em diálogo direto com algumas breves memórias do processo sinodal que conduziu a Igreja da Amazônia no processo preparatório ao Sínodo Especial para a Amazônia, intitulado 'Amazônia: novos caminhos para a igreja e para uma Ecologia Integral'. É resultado dos diversos círculos de formação sobre a Campanha da Fraternidade realizados em diversas comunidades da periferia de Boa Vista, capital de Roraima durante o período da quaresma. Recolhe fragmentos do Documento Final da Assembleia Sinodal e da Exortação Pós-Sinodal 'Querida Amazônia' na perspectiva da educação na Amazônia. Traz para o debate a temática da Ecologia integral que foi o tema transversal do Sínodo, passando, necessariamente pelo debate da Encíclica Laudato Si'. Por fim, apresenta a sinodalidade como caminho e caminhada da Igreja da Amazônia e uma orientação para toda Igreja descolonizar suas práticas e metodologias pastorais à luz da sinodalidade que representa importantes rupturas nos itinerários de toda Igreja num processo de aprendizado com os Povos Indígenas.

**Palavras-chave:** campanha da fraternidade. Educação. Sinodalidade. Ecologia Integral. Querida Amazônia. Sínodo Especial para a Amazônia.



Abstract: In this article, the theme of the 2022 Fraternity Campaign is brought to the debate “Fraternity and Education” in direct dialogue with some brief memories of the synodal process that led the Amazon church in the preparatory process in the special synod for the Amazon, titled: “Amazon: new paths for the church e for a Integral Ecology”. It is the result of several formation circles about the Fraternity Campaign that were held in many communities on the outskirts of Boa Vista, the capital city of Roraima State, during the lent period. It collects fragments of the Final Document of the Synodal Assembly and of the Post-synodal Exhortation “Dear Amazon” in the perspective of education in the Amazon. It brings to the debate the subject of Integral Ecology that was the transversal theme, passing necessarily through the debate of the Encyclical Laudato Si. Finally, it presents Synodality as the path and the walk of the Amazon Church and guidance for the whole Church to decolonize its pastoral practices and methodologies in the light of Synodality that represents important ruptures in the itineraries of the whole Church in a learning process among indigenous peoples.

Keywords: fraternity campaign. Education. Synodality. Integral Ecology. Dear Amazon. Special Synod for the Amazon.

## INTRODUÇÃO

No seu anúncio ao Sínodo Especial para a Amazônia, em 15 de outubro de 2017, o Papa Francisco enfatizava o caráter abrangente do sínodo, sua preocupação em apontar novos caminhos para a evangelização e o desafio da escuta aos povos indígenas:

Atendendo o desejo de algumas Conferências Episcopais da América Latina, assim como ouvindo a voz de muitos pastores e fiéis de várias partes do mundo, decidi convocar uma Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a região Pan-amazônica. O Sínodo será em Roma, em outubro de 2019. O objetivo principal desta convocação é identificar novos caminhos para a evangelização daquela porção do Povo de Deus, especialmente dos indígenas, frequentemente esquecidos e sem perspectivas de um futuro sereno, também por causa da crise da Floresta Amazônica, pulmão de capital importância para nosso planeta. Que os novos Santos intercedam por este evento eclesial para que, no respeito da beleza da Criação, todos os povos da terra louvem a Deus, Senhor do universo, e por Ele iluminados, percorram caminhos de justiça e de paz<sup>1</sup>.

O anúncio do sínodo representa um prenúncio da intensa, ativa e efetiva participação dos Povos Indígenas em todo o processo sinodal com importantes logros para a igreja e para as lutas e resistências dos povos indígenas. Ao mesmo tempo insere no processo sinodal a dimensão da escuta como atitude de aprendizagem na perspectiva do lema da Campanha da Fraternidade 2022: “Fala com sabedoria, ensina com amor” (Pr 31,26)<sup>2</sup>. Na perspectiva indígene, saber falar com sabedoria implica saber escutar com profundidade.



1 Sínodo Especial para a Amazônia realizado em outubro de 2019 (<https://www.cnbb.org.br/convocado-um-sinodo-especial-para-a-amazonia-a-ser-realizado-em-outubro-de-2019/>). Consultado em: 20/07/2020.

2 Texto bíblico citado a partir da Bíblia Sagrada, tradução oficial da CNBB. Brasília: Ed. CNBB, 2018.

Em sua convocatória oficial o Papa Francisco afirmou que o Sínodo deveria “debater temas relacionados à evangelização dos povos da Amazônia, as possibilidades de uma Ecologia Integral e as lições de convivência e de cuidado com a criação que os Povos Indígenas ensinam para todo o planeta” e enfatizava: “é bom que agora sejais vós próprios a autodefinir-vos e a mostrar-nos a vossa identidade. Precisamos escutar-vos”. Disse o Papa Francisco em Porto Maldonado na abertura oficial do Sínodo Especial para a Amazônia em 18 de janeiro de 2018<sup>3</sup>.

A ênfase à escuta aos Povos Indígenas nas suas mais variadas línguas, etnias e experiências culturais, nas florestas e nas cidades da Amazônia, foi constante em todo o processo preparatório, durante a Assembleia Sinodal e no processo pós-sinodal. A frase “precisamos escutar-vos” soou como um verdadeiro mandato do Papa Francisco para toda a Igreja. Nas suas organizações internas e internacionais, os Povos Indígenas participaram ativamente de todo o Processo Sinodal e revelaram seu entendimento e vivência da Ecologia Integral como projeto de vida e de sociedade baseado no Bem Viver. Também ensinaram a prática da sinodalidade, tão cara ao Papa Francisco e a todo o colegiado da Assembleia Sinodal.

### UMA RELEITURA DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2022 À LUZ DA SINODALIDADE

A Campanha da Fraternidade de 2022 objetivou “promover diálogos a partir da realidade educativa do Brasil, à luz da fé cristã, propondo caminhos em favor do humanismo integral e solidário”<sup>4</sup>. O desafio do diálogo é a base de toda a reflexão em torno do tema e do lema da Campanha da Fraternidade 2022. Dialogar implica em saber escutar e saber falar. Uma atitude depende da outra. Deixar os povos indígenas falar implica em saber calar para os escutar numa atitude decolonial profunda. Escutar não é a atitude principal da sinodalidade, palavra latina que significa caminhar juntos.

Este foi o fio condutor da Assembleia Sinodal e o caminho do discernimento sob a orientação do Papa Francisco, para escutar a realidade, discernir os possíveis caminhos a serem trilhados e promover ações que venham de encontro com as necessidades da região pensada a partir das particularidades de seu bioma, da diversidade sociocultural de seus povos e da posição estratégica que ela ocupa no planeta. A sinodalidade fundamenta-se na Constituição Apostólica *Episcopalis Communio* sobre o Sínodo dos Bispos, lançada pelo Papa Francisco em 2018, em pleno processo sinodal na Amazônia.

O Sínodo dos Bispos deve tornar-se cada vez mais um instrumento privilegiado de escuta do Povo de Deus: Para os Padres sinodais, pedimos, do Espírito Santo, antes de mais nada o dom da *escuta*: escuta de Deus, até ouvir com Ele o grito do povo; escuta do povo, até respirar nele a vontade de Deus que nos chama. Por isso, embora na sua composição se configure como um organismo essencialmente episcopal, o Sínodo não vive separado do resto dos fiéis. Pelo contrário, é um instrumento adequado para dar voz a todo o Povo de Deus precisamente por meio dos Bispos, constituídos por Deus autênticos guardiões, intérpretes e testemunhas da fé de toda a Igreja, mostrando-se de Assembleia em Assembleia uma expressão eloquente da sinodalidade como dimensão constitutiva da Igreja<sup>5</sup>.

3 O Sínodo da Amazônia começou em Puerto Maldonado. Amazônia: novos caminhos para a Igreja e por uma ecologia integral. É um tema que contém poucas, mas significativas palavras que expressam o conteúdo e a finalidade que levaram à convocação do Sínodo, e delinearão o primeiro encontro no Vaticano. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2018-04/sinodo-da-amazonia.html>. Consultado em 20/07/2020.

4 Sobre a Campanha da Fraternidade 2022 “Fraternidade e Educação”. Disponível em: <https://campanhas.cnb.org.br/sobre-a-campanha-da-fraternidade-2022.html>. Acesso em 28/05/2022.

5 Papa FRANCISCO, *Episcopalis communio*: sobre o sínodo dos bispos, p.5-6.

O processo sinodal, nesta perspectiva da sinodalidade proposta na *Episcopalis Communio*, se baseia numa atitude permanente de escuta e discernimento, especialmente daquela porção do Povo de Deus que foi negligenciada nos espaços de fala desde a colonização. A Sinodalidade representa uma mudança de paradigmas nas relações de poder da Igreja, na qual o bispo passa a ser ouvinte numa atitude permanente de escuta. Entretanto, para escutar profundamente, é preciso calar e dar voz ao povo. Calar como atitude interior de profunda aprendizagem.

A sinodalidade aponta para uma importante mudança no lugar de fala. Esta mudança foi amplamente experimentada durante todo o processo sinodal, através dos diversos instrumentos preparatórios que promoveram a escuta de pequenos grupos das Comunidades Eclesiais de Base - CEBs, de grupos de mulheres, jovens, comunidades indígenas, ribeirinhas, quilombolas, grupos de terreiro de matriz africana, grupos de outras confissões religiosas, movimentos sociais, universidades, instituições internacionais que atuam na Amazônia como parceiras na defesa dos direitos humanos e das questões ecológicas<sup>6</sup>. Em clima de sinodalidade, foram realizados diversos seminários, inclusive no âmbito acadêmico, fóruns de debate, mesas-redondas, rodas de conversas, em todas as instâncias de participação coletiva da Igreja Católica na Pan-Amazônia e em outras regiões.

Enquanto metodologia, a sinodalidade coloca em debate modelos de participação popular capazes de gerar processos profundos de transformação observados nas experiências das Comunidades Eclesiais de Base nas décadas de 1980-1990 em toda Pan-Amazônia. Nesta perspectiva, o sínodo dá continuidade ao processo de descolonização da atuação pastoral da Igreja que passa pelo discurso e pelas práticas religiosas e pastorais. Entretanto, trata-se de uma tarefa difícil, porque a descolonização implica também em mudanças profundas no pensamento da Igreja. Acionada inúmeras vezes no Documento Preparatório e no *Instrumentum Laboris*, a descolonização implica renunciar a valores etnocêntricos que não respeitam as demais culturas e seus valores. Implica reconhecer os saberes, as ciências e as espiritualidades de outros povos com suas línguas, costumes e culturas. Em poucas palavras respeitar o outro na sua diferença e não o nivelar numa cultura hegemônica como a proposta pelo capitalismo que não se encontra apenas no aspecto econômico, mas, incide também com grande força na produção do pensamento, da religião, da moral, da ética e da política. Descolonizar as práticas pastorais e o pensamento religioso é um dos grandes desafios a que se propõe o Sínodo da Amazônia. O parágrafo 56 do *Instrumentum Laboris* afirma que

O desafio que se apresenta é grande: como recuperar o território amazônico, resgatá-lo da degradação neocolonialista e devolver-lhe seu bem-estar saudável e autêntico? Desde há milhares de anos devemos às comunidades aborígenes o cuidado e o cultivo da Amazônia. Em sua sabedoria ancestral cultivaram a convicção de que a criação inteira está interligada, o que merece nosso respeito e responsabilidade. A cultura da Amazônia, que integra os seres humanos com a natureza, se constitui como referente para construir um novo paradigma da ecologia integral. A Igreja deveria assumir em sua missão o cuidado da Casa Comum<sup>7</sup>.

No pensamento neocolonial, não há nenhum entendimento de uma Casa Comum. As casas são privadas. Tudo é propriedade privada e cada um cuida do que é seu, e

6 Os relatórios dos diversos grupos, movimentos sociais, organismos pastorais, dioceses e prelazias foram sistematizados pela Rede Eclesial Pan-Amazônica - REPAM, num documento denominado Síntese das Escutas do Processo Sinodal. Este documento sinaliza a participação direta de cerca de 100 mil participantes na primeira fase do processo sinodal de junho a dezembro de 2018. Estão disponíveis para consulta no site da REPAM ([http://repam.org.br/wp-content/uploads/2019/07/Hacia-el-Sinodo-Panamazonico\\_Libro-digital-Ultimo.pdf](http://repam.org.br/wp-content/uploads/2019/07/Hacia-el-Sinodo-Panamazonico_Libro-digital-Ultimo.pdf)).

7 Papa FRANCISCO, *Instrumentum Laboris - Documento de Trabalho do Sínodo Especial para a Amazônia*, p.23.

ninguém se preocupa com a casa de ninguém. Pensar a Casa Comum implica em mudar drasticamente o pensamento neocolonialista e passar a pensar e encarar coletivamente os problemas que afetam toda sociedade como a questão ambiental, a fome, a miséria e o empobrecimento de sociedades inteiras. Pensar juntos e buscar saídas coletivas é o grande desafio. Mas, para isso, é preciso descolonizar o pensamento etnocêntrico. No artigo 76 o *Instrumentum Laboris* aprofunda o tema da família e seus desafios na Amazônia e afirma que

Na Amazônia a família foi vítima do colonialismo no passado e de um neocolonialismo no presente. A imposição de um modelo cultural ocidental inculcava um certo desprezo pelo povo e pelos costumes do território amazônico, e chegava-se a qualificá-los como “selvagens”, ou “primitivos”. Atualmente, a imposição de um modelo econômico ocidental extrativista volta a atingir as famílias, invadindo e destruindo suas terras, suas culturas e suas vidas, forçando-as a migrar para as cidades e suas periferias<sup>8</sup>.

Nessa perspectiva, a ruptura com o pensamento neocolonial é fundamental para se repensar a Amazônia. Em muitas críticas que se tecem contra o Sínodo, seus arguidores continuam denominando os povos da Amazônia como “selvagens”, ou “primitivos” da mesma forma que os colonizadores há mais de quinhentos anos atrás. A permanência destes vocábulos comprova que o pensamento neocolonial impede o avanço das ideias e mantém seus seguidores atrasados no tempo e na história. O parágrafo 103 do *Instrumentum Laboris* apresenta o colonialismo relacionado com a

Mentalidade economicista-mercantilista, consumismo, utilitarismo, individualismo, tecnocracia, cultura do descarte. Uma mentalidade que se expressou historicamente em um sistema de domínio territorial, político, econômico e cultural que persiste de várias formas até os dias de hoje, perpetuando o *colonialismo*. Uma *economia* baseada exclusivamente no lucro como única finalidade, que exclui e atropela os mais fracos e a natureza, se constitui como ídolo que semeia destruição e morte. Uma mentalidade utilitarista concebe a natureza como mero recurso e os seres humanos como simples produtores-consumidores, violando o valor intrínseco e a relacionalidade das criaturas. O individualismo enfraquece os vínculos comunitários, ofuscando a responsabilidade em relação ao próximo, à comunidade e à natureza. O desenvolvimento tecnológico trouxe grandes benefícios para a humanidade mas, ao mesmo tempo, sua absolutização levou-o a ser um instrumento de posse, domínio e manipulação (cf. LS 106) da natureza e do ser humano. Tudo isto gerou uma cultura global predominante, a qual o Papa Francisco chamou “paradigma tecnocrático” (LS 106). O resultado é uma perda do horizonte transcendente e humanitário, onde se transmite a lógica do “usa e joga fora” (LS 123), gerando uma cultura do descarte (LS 22) que agride a criação<sup>9</sup>.

Em muitas outras ocasiões, o *Instrumentum Laboris* apresenta o desafio da descolonização da Igreja e do pensamento hegemônico para se avançar na proposta do cuidado com a Casa Comum na perspectiva da Ecologia Integral como condição para se repensar os caminhos da “Igreja com rosto amazônico”. A grande maioria dos Bispos da Pan-Amazônia tem levado isso muito a sério e vem aprofundamento a temática da descolonização em suas bases pastorais e elaborando propostas para se materializar a descolonização nas suas práticas e no pensamento teológico e eclesial.

Descolonizar o pensamento e as práticas é deixar-se *amazonizar*<sup>10</sup> com outros valores

8 Papa FRANCISCO, *Instrumentum Laboris - Documento de Trabalho do Sínodo Especial para a Amazônia*, p.30.

9 Papa FRANCISCO, *Instrumentum Laboris - Documento de Trabalho do Sínodo Especial para a Amazônia*, p.30.

10 *Amazonizar* foi uma expressão ou neologismo recuperada nas escutas sinodais e passou a ser utilizada para explicar a mudança de paradigmas com relação à Amazônia. *Amazoniza-te* foi tema de uma intensa campanha da REPAM no processo pós-sinodal que mobilizou muitos setores da sociedade em favor da Amazônia e de seus povos. Disponível em: <https://repam.org.br/tag/amazoniza-te/>

e conhecer e experimentar outras possibilidades de convivência com a Amazônia sem necessariamente destruir suas riquezas naturais, fonte de vida e esperança para seus povos e para toda humanidade.

De forma pedagógica, as diversas formas de reflexão e formação proporcionadas durante a escuta sinodal contribuíram para se conhecer melhor a Amazônia, o modo de ser e de viver de seus povos, com seus recursos de uso coletivo compartilhados num modo de vida não capitalista adotado e assimilado milenarmente. Desta forma, o processo sinodal reconheceu a espiritualidade e a sabedoria dos povos dessa imensa região, de modo especial dos Povos Indígenas, e entrou num processo de aprendizado mútuo e contínuo de discernimento para uma conversão pastoral e ecológica, apresentada como grande horizonte no *Instrumentum Laboris*, o documento de Trabalho da Assembleia Sinodal que levou a Roma os clamores e a presença viva destes povos em marcha de libertação, tendo em vista os novos caminhos para uma Igreja com Rosto Amazônico<sup>11</sup>.

### A CAMPANHA DA FRATERNIDADE E AS LIÇÕES DA AMAZÔNIA

A Campanha da Fraternidade de 2022 foi impulsionada pelo Pacto Educativo Global, convocado pelo Papa Francisco<sup>12</sup>. Quando da sua convocação, o Papa Francisco insiste num projeto de educação humanizada que contribua na formação de pessoas abertas, integradas e interligadas, que também sejam capazes de cuidar da casa comum, numa referência aos desafios apresentados na *Encíclica Laudato Si*<sup>13</sup>: “a educação será ineficaz e os seus esforços estereis se não se preocupar também em difundir um novo modelo relativo ao ser humano, à vida, à sociedade e à relação com a natureza”.

A educação humanizada proposta no pacto educativo pode ser perfeitamente reinterpretada como a educação popular amplamente praticada na Amazônia nos pequenos grupos populares que se reúnem para aprofundar a Palavra de Deus a partir dos desafios da realidade contextual. Foi essa metodologia que orientou uma infinidade de rodas de conversas ou círculos populares, de diversos grupos em suas comunidades, pastorais, paróquias ou dioceses, com espaço para conversar, rezar e celebrar suas lutas e identidades culturais. Esta dinâmica contribuiu para reconhecer as lutas e resistências dos Povos da Amazônia que enfrentam mais de 500 anos de opressão e colonização com projetos desenvolvimentistas pautados na exploração desmedida e na destruição da floresta e dos recursos naturais.

Apesar da Campanha da Fraternidade não enfatizar a importância da Educação Popular no itinerário do Pacto Educativo Global, os grupos das Comunidades Eclesiais de Base espalhados em toda a Amazônia, sabem o seu valor quando se reúnem para debater suas dificuldades e buscar caminhos de superação dos seus sofrimentos. São saberes necessários à prática educativa fundamentada na proposta de Freire ao afirmar que “ensinar não é transferir a inteligência do objeto ao educando, mas instigá-lo no sentido de que, como sujeito cognoscente, se torne capaz de entender e comunicar o entendido”<sup>14</sup>.

Novamente o desafio da escuta como observação, contemplação, internalização, o que exige silêncio profundo e abertura para o aprendizado. O texto base da Campanha da Fraternidade 2022 insiste “que se trata de uma campanha que, mais do que abordar outro

11 Márcia Maria OLIVEIRA, *Desafios e perspectivas do processo de preparação do Sínodo Especial para Amazônia*, p.10.

12 No dia 15 de outubro de 2020 o Pacto foi lançado no Vaticano e, desde então, todo o globo tem se mobilizado para discutir, mobilizar e tornar o pacto algo concreto em nossas políticas educacionais e institucionais. Disponível em: <https://anec.org.br/acao/pacto-educativo-global/>. Acesso em 25/05/2022.

13 Papa FRANCISCO, *Carta Encíclica Laudato Si: sobre o cuidado da casa comum*, p.163-164.

14 Paulo FREIRE, *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, p.134.

aspecto específico da problemática educacional, vai refletir sobre os fundamentos do ato de educar na perspectiva católico-cristã”. Dessa forma, a educação é compreendida não apenas com um ato escolar, mas, acima de tudo, como uma ação transformadora de toda a sociedade.

Assim, a Educação Popular reúne as mais variadas tradições críticas latino-americanas para apresentar uma proposta educacional e pedagógica para toda a sociedade comprometida com a construção de uma realidade mais justa e sem desigualdades sociais e econômicas excludentes. Nesse sentido, buscam formar seres humanos comprometidos com a construção do respeito às diferenças em seus diferentes cenários de ação, revelando desigualdades e iniquidades e dispostos a refundar a democracia a partir de identidades locais. Com os grupos sociais, além de tudo o que se faz, a educação popular concebida e ensinada por Paulo Freire é uma importante orientação para a aprendizagem ao longo da vida, o que implica, entre outras metodologias, a multiplicação de agentes sociais comprometidos com a transformação social.

Da Amazônia brasileira, a herança intelectual do jesuíta Claudio Perani<sup>15</sup> desenvolveu juntamente com lideranças populares, de forma didática e objetiva, os 'Cadernos Populares', subsídios didáticos que representam o reconhecimento da capacidade interpretativa de lideranças sociais com o objetivo de promover transformações sociais em conjunto com os setores populares.

No itinerário da sinodalidade, o sínodo especial para a Amazônia foi uma resposta do Papa Francisco às demandas das conferências episcopais dos países Pan-Amazônicos: Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname, Venezuela e Guiana Francesa. Os bispos destes nove países formaram o Conselho Sinodal que contou ainda com a presença de outros cardeais convidados pelo Papa Francisco para contribuírem com o debate e com especialistas em temas relacionados às questões centrais do Sínodo<sup>16</sup>. Quem presidiu todo o processo sinodal até a Assembleia foi o Papa Francisco utilizando-se de uma metodologia que é eminentemente participativa baseada na Colegialidade. Nesta perspectiva, Ulloa e Lopes<sup>17</sup> salientam que,

A proposta de Francisco amplia a compreensão do Sínodo como participação característica do colégio episcopal na solicitude pastoral universal e empenho missionário (CD 5; AG 29). Sem desconfigurar a instituição canônico-pastoral do Sínodo dos Bispos, o Papa, com o uso do termo sinodalidade, propõe uma atitude a ser assumida por todo o corpo eclesial, ou seja, uma disposição permanente de sinergia, do esforço de caminhar juntos.

Orientadas pela metodologia da sinodalidade, todas as dioceses dos nove países da Pan-Amazônia realizaram inúmeras atividades em preparação às Assembleias Territoriais que recolheram e sistematizaram, de forma transparente e participativa, inúmeros relatórios das mais diversificadas atividades que promoveram ampla participação de toda comunidade católica neste processo denominado pelo documento preparatório de “escuta sinodal” conforme prevê o Art. 6 - Consulta do Povo de Deus, da Constituição Apostólica *Episcopalis communio*<sup>18</sup>.

15 Padre Cláudio Perani e a Educação Popular na Amazônia. <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/615483-padre-claudio-perani-e-a-educacao-popular-na-amazonia>.

16 Participei neste grupo na qualidade de “expert” ou perita, para contribuir com reflexões sobre o tema das migrações, refúgio e crescimento das cidades na Amazônia com todos os desafios pastorais que estes temas implicam. Fui a única mulher leiga nesse grupo.

17 Boris Agustín Nef ULLOA e Jean Richard LOPES, *Sinodalidade, caminho de comunhão e unidade, segundo Atos dos Apóstolos*, p.207.

18 Papa FRANCISCO, *Episcopalis communio*: sobre o sínodo dos bispos, p.19.

Por isso, embora na sua composição se configure como um organismo essencialmente episcopal, o Sínodo não vive separado do resto dos fiéis. Pelo contrário, é um instrumento adequado para dar voz a todo o Povo de Deus precisamente por meio dos Bispos, constituídos por Deus “autênticos guardiões, intérpretes e testemunhas da fé de toda a Igreja”, mostrando-se em Assembleia em Assembleia uma expressão eloquente da sinodalidade como dimensão constitutiva da Igreja.

Praticamente todo o quinto capítulo do Documento Final da Assembleia Sinodal dedica-se ao aprofundamento do tema da sinodalidade numa perspectiva de itinerário metodológico e pastoral que pressupõe instaurar nas igrejas particulares um estilo de vida inspirado na sinodalidade e na Ecologia Integral. Isso significa romper com estruturas rígidas e inaugurar outras metodologias pastorais mais leves e participativas, comprometidas com a revelação de Deus na caminhada do povo. Nessa perspectiva, a sinodalidade experimentada no processo sinodal implica em mudanças profundas na estrutura de toda igreja, e não apenas na Amazônia. A este respeito, Ulloa e Lopes, assinalam que,

A sinodalidade caracteriza-se, segundo Atos dos Apóstolos, na convicção de que a presença do Ressuscitado é atualizada pelo Espírito Santo no caminho das comunidades desde Jerusalém até os confins do mundo (cf. At 1,8). É o Espírito que qualifica a vida de todos os batizados para, no exercício da corresponsabilidade e da participação, responderem juntos, fiéis e pastores, com coerência ao chamado do Senhor. Por isso, a experiência da sinodalidade será sempre um caminho aberto que exigirá da Igreja, em todos os tempos, a coragem de viver, na história, um testemunho maduro e dinâmico capaz de ser sinal de comunhão e unidade<sup>19</sup>.

De acordo com as características observadas pelos referidos autores, o Sínodo Especial para a Amazônia exercitou a sinodalidade em todo o seu processo preparatório e, de modo especial, durante a Assembleia Sinodal. Ao mesmo tempo, o processo sinodal apresentou elementos concretos de uma Igreja em saída, propostos em Medellín e Puebla. A este respeito, Sbardelotti afirma que,

A Teologia Latino-Americana e Caribenha é construída com e por várias mãos, com e por vários rostos; bebendo do poço da Bíblia a partir de uma leitura popular, por um lado, e de uma pesquisa acadêmica abundante e perseguida por outro; bebendo do poço do Concílio Ecumênico Vaticano II, do Pacto das Catacumbas da Igreja Servidora e Pobre, dos Mártires da Caminhada, da atualização do Vaticano II pela Conferência de Medellín e pela Opção pelos Pobres na Conferência de Puebla. Em sintonia com a Igreja em Saída sugerida e querida pelo Papa Francisco, sementes estão sendo lançadas neste chão adubado com o sangue de mulheres e homens, que, no seguimento a Jesus de Nazaré, assumem, sem medo, todos os riscos e consequências, são testemunhas fiéis do que pede o Evangelho, são herdeiros de uma pedagogia e de uma prática libertadora<sup>20</sup>.

Fiel ao itinerário da sinodalidade, a ‘Igreja Servidora e Pobre’ caracterizada no quinto capítulo do Documento Final da Assembleia Sinodal, caminha com os pobres e vai assumindo na Amazônia o compromisso com as causas indígenas e camponesas, com os pobres das periferias das grandes cidades que concentram cerca de 83% da população, com os migrantes expulsos de seus países e territórios, com as mulheres. A metodologia participativa foi caracterizada pelo debate em torno da busca coletiva dos ‘novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral’, tema central do Sínodo<sup>21</sup>.

19 Boris Agustín Nef ULLOA e Jean Richard LOPES, *Sinodalidade, caminho de comunhão e unidade, segundo Atos dos Apóstolos*, p.218.

20 Emerson SBARDELOTTI, *De Medellín a Puebla: uma Igreja em Saída*, p.7.

21 Márcia Maria OLIVEIRA, *Desafios e perspectivas do processo de preparação do Sínodo Especial para Amazônia*, p.13.

Os itinerários da sinodalidade retomam as orientações de uma ecoteologia encarnada na vida e na história do povo da Amazônia e materializa a experiência da sinodalidade com bases e fundamentos nas Sagradas Escrituras nas quais, “a sinodalidade é expressa por meio de uma construção literário-teológica, que reflete e estimula uma práxis, um modo de ser e agir. A experiência bíblica, portanto, chama o leitor, individual e coletivamente, a uma inserção progressiva e permanente no caminho, ao longo do qual Deus se revela<sup>22</sup>.”

A ecoteologia representa parte da materialização da proposta do Papa Francisco na Ecologia Integral apresentada para toda Igreja na Encíclica *Laudato Sí* publicada em 2015. A Ecologia Integral foi o tema transversal do Sínodo da Amazônia, do Documento Final e da Encíclica *Querida Amazônia*. Os “novos caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral” desafiaram e continuam desafiando o Povo de Deus na Amazônia a apresentar para toda a Igreja Universal um novo rosto que se configura nos rostos diversos dos povos indígenas, das mulheres, dos migrantes, dos jovens, dos pobres e excluídos na Amazônia.

Na sua Exortação Apostólica Pós-Sinodal ‘Querida Amazônia’ o Papa Francisco reconhece e confirma que o Sínodo para a Amazônia inaugura um novo tempo para a toda Igreja. Tempo do escutar, refletir e agir, pois “a Amazônia arde em chamas e já não pode mais esperar”, afirma o documento. De forma didática, a *Querida Amazônia* apresenta um diagnóstico preciso e completo dessa imensa região considerada uma das mais complexas, diversificadas e desafiadoras regiões do mundo, ameaçada pela cobiça e ganância de interesses internos e internacionais. Uma região com seus recursos hídricos, florestais e do subsolo, em permanente exploração desde a colonização, o que culmina com a destruição de povos, culturas e saberes ancestrais.

Didática e pedagogicamente organizada em quatro grandes eixos, ‘Querida Amazônia’ debate e propõe quatro sonhos na vida de toda Igreja:

Sonho com uma Amazônia que lute pelos direitos dos mais pobres, dos povos nativos, dos últimos, de modo que a sua voz seja ouvida e sua dignidade promovida.

Sonho com uma Amazônia que preserve a riqueza cultural que a caracteriza e na qual brilha de maneira tão variada a beleza humana.

Sonho com uma Amazônia que guarde zelosamente a sedutora beleza natural que a adorna, a vida transbordante que enche os seus rios e as suas florestas.

Sonho com comunidades cristãs capazes de se devotar e encarnar de tal modo na Amazônia, que deem à Igreja rostos novos com traços amazônicos (QA 7).

Estes quatro sonhos desafiam a um permanente exercício da sinodalidade, que é a dimensão de comunhão participativa de toda a Igreja atenta e disposta a escutar a realidade, discernir os possíveis caminhos a serem trilhados e promover ações que venham de encontro com as necessidades da região pensada a partir das particularidades de seu bioma, da diversidade sociocultural de seus povos e da posição estratégica que ela ocupa no planeta.

## A INSPIRAÇÃO QUE VEM DOS POVOS INDÍGENAS

Para as lideranças indígenas que participaram do processo sinodal o fato de retomarem o lugar de fala proposto pelo Papa Francisco “veio confirmar a nossa participação nas comunidades e respeitar nossa maneira de ser igreja na Amazônia com nossa espiritualidade de respeito para com a criação, para com os ancestrais, para com as crianças”, fala orgulhosa a senhora Madalena, catequista do Povo Indígena Macuxi da Terra Indígena Raposa Serra do Sol em Roraima.

<sup>22</sup> Boris Agustín Nef ULLOA e Jean Richard LOPES, *Sinodalidade, caminho de comunhão e unidade, segundo Atos dos Apóstolos*, p.207.

Para muitas lideranças indígenas, uma das maiores vitórias do processo sinodal foi o reconhecimento dos povos indígenas que vivem nas cidades da Amazônia. Foi o que constatou Marcivana Sateré-Mawé, a jovem líder indígena que participou da Assembleia Sinodal na qualidade de Auditora. Marcivana reconhece a importância da participação na Assembleia Sinodal para todos os povos indígenas que ela representa, mas, de modo especial para a mulheres que atual como lideranças na linha de frente do movimento indígena, nas organizações locais, regionais e internacionais e destaca o protagonismo de mulheres como

Sônia Guajajara, liderança da APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil), que é mãe, Nara Baré, que está na coordenação da COIAB (Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira), eu que estou à frente atualmente da COPIME (Coordenação dos Povos Indígenas de Manaus e Entorno), tantas outras lideranças mães que estão à frente das nossas organizações locais, mães que se juntam para fortalecer uma luta<sup>23</sup>.

A professora Enestina, do Povo Macuxi, também esteve em Roma durante a Assembleia Sinodal para representar o seu povo nas atividades da Tenda da Casa Comum<sup>24</sup> e destaca a importância do Sínodo para os Povos Indígenas que “se sentiram acolhidos e respeitados pelo Papa Francisco e por toda a Igreja que historicamente os ignorou”. Ao mesmo tempo, a professora recorda que “muita gente veio de longe, da Alemanha, da Suíça, da Bélgica, da França e de tantos outros lugares, para nos perguntar como é nossa vida nas nossas comunidades. Eu fiquei muito feliz de saber que tem muita gente, especialmente os jovens que querem conhecer nosso modo de viver nas nossas comunidades”. A professora e catequista lamenta “que ainda tem tanta gente que não reconhece o nosso valor. Mas, o Sínodo reconheceu o nosso valor<sup>25</sup>”.

Elves Ramires, do Povo Warao, um dos milhares de indígenas venezuelanos em deslocamento residindo na periferia de Boa Vista, recorda que “durante a preparação para o Sínodo nós participamos de muitas atividades na comunidade e foi bonito como nos deixaram falar. As pessoas da comunidade pareciam curiosas para saber da nossa vida. Pela primeira vez me senti acolhido e respeitado como indígena e como cristão em Boa Vista”. O jovem recorda que a maioria dos warao são católicos e que acreditam que “o Sínodo veio trazer esperança para os povos indígenas da toda a América Latina”. Desta forma reconhece a abrangência do Sínodo da Amazônia.

Estas e muitas outras narrativas revelam que os povos indígenas realmente assumiram o lugar de fala no processo sinodal e que a igreja passou a ter maior atenção e escuta a estes povos silenciados desde a colonização. Escutar os povos indígenas é um passo importante num processo importante de descolonização das práticas e discursos pastorais ainda muito marcados pelo neocolonialismo. De modo especial os povos indígenas abriram caminhos importantes para compartilhar suas diversas experiências de espiritualidade, de organização social e política, de vida comunitária baseada na simplicidade e na partilha.

23 Ser mãe no mundo indígena. Entrevista concedida ao Padre Modino e a Silvonei José – Vatican News. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/mundo/news/2021-05/ser-mae-no-mundo-indigena.html>. Consultado em: 20/06/2021.

24 Espaço inspirado na experiência da Tenda dos Mártires organizada na Conferência de Aparecida (2007). Em Roma, a ‘Tenda Casa Comum’ teve lugar nas imediações da Igreja de Santa Maria em Traspontina, (Via della Conciliazione, próximo à Praça São Pedro) em salas colocadas à disposição pelos padres Carmelitas responsáveis pela paróquia romana. A Tenda não foi um espaço alternativo, mas esteve conectado ao Sínodo, que se realizou de 6 a 27 de outubro, para ajudar os padres sinodais a se manterem em sintonia com a realidade do território amazônico e com toda a reflexão sobre a missão na região. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2019-06/tenda-casa-comum-apresentada-jaime-patias-consolata.html>.

25 Fala da professora Enestina Macuxi por ocasião da apresentação do documento Final na Diocese de Roraima no início de dezembro de 2019.

Por fim, a sinodalidade experimentada pelos Povos Indígenas abre novos horizontes de compromisso e comprometimento de toda Igreja com a causa indígena. Desde a colonização os povos indígenas seguem tão ameaçados, mas, ao mesmo tempo, representam um testemunho de luta e resistência que faz recordar a vida dos primeiros cristãos e dos mártires.

Escutar os povos indígenas, conhecer seu modo de vida e reconhecer seu lugar na igreja representa um convite à conversão ampla e profunda que questiona os padrões culturais, econômicos e sociais, o modo de vida capitalista que vem tomando conta de toda a sociedade com suas formas de produção e consumismo exacerbado, de acumulação de lucro e das riquezas, de obsolescência, de desperdício e da produção descontrolada do lixo material e humano.

Num caminho sem volta, o Sínodo Especial da Amazônia apresentou os povos indígenas para toda a igreja que se sentiu profundamente interpelada a conhecer seus sofrimentos históricos, a reconhecer sua diversidade cultural e sua espiritualidade como grandes valores a serem compartilhados com toda a Igreja. Ao mesmo tempo, na perspectiva da sinodalidade, a Igreja reconhece e abraça a luta dos Povos Indígenas em defesa da Amazônia e os respeita como verdadeiros “guardiões da floresta”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como Igreja, ainda temos muito que aprender e reaprender com os Povos Indígenas nos itinerários da Sinodalidade. Entretanto, o Sínodo da Amazônia foi um passo importante que nos preparou para seguir em passos firmes no sentido de reconhecer e conferir aos agentes pastorais e catequistas, nas mais diversas realidades indígenas, os ministérios que lhes permitam acesso à Eucaristia como um direito, a condução das celebrações, o governo e a coordenação de suas comunidades.

Deveras, o Sínodo Especial para a Amazônia representa um modelo de descolonização em diversos aspectos. Desde o calar-se para ouvir todos os clamores da Amazônia até a participação ativa e efetiva das mulheres, dos leigos e leigas e dos povos indígenas na Assembleia Sinodal, o Sínodo se converteu em uma inspiração para toda a Igreja.

Conclui-se que o processo sinodal foi apenas uma etapa importante da história da Igreja na Amazônia, mas, indica que os desafios estão por vir no processo pós-sinodal que implica na aplicação dos resultados das reflexões teológicas e pastorais. Esta nova etapa promete mudanças importantes não somente para a Igreja da Amazônia, mas, para a Igreja como um todo. Por fim, o Sínodo reforça a importância da Amazônia para o mundo e, ao mesmo tempo, desperta a sociedade para atuar em sua defesa e assumir as causas de seus povos que a vivenciam na perspectiva da Casa Comum.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

OLIVEIRA, Márcia Maria. *Desafios e perspectivas do processo de preparação do Sínodo Especial para Amazônia*. São Paulo: Revista de Cultura Teológica, Ano XXVII, n.94, Jul/Dez 2019 (p.8-20).

Papa FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si': sobre o cuidado da casa comum*. Brasília: Edições CNBB, 2015.

Papa FRANCISCO. *Documento Final da Assembleia Sinodal*. Brasília: Edições CNBB, 2019.

Papa FRANCISCO. *Documento Preparatório do Sínodo Especial para a Amazônia*. Brasília: Edições CNBB, 2018.

Papa FRANCISCO. *Episcopalis communio*: sobre o sínodo dos bispos. Brasília: Edições CNBB, 2018.

Papa FRANCISCO. *Instrumentum Laboris – Documento de Trabalho do Sínodo Especial para a Amazônia*. Brasília: Edições CNBB, 2019.

Papa FRANCISCO. *Querida Amazônia – Exortação Apostólica Pós-Sinodal*. Brasília: Edições CNBB, 2020.

REPAM. *Síntesis general de la red eclesial Panamazónica – REPAM – Asambleas Territoriales, Foros Temáticos, Contribuciones*.

SBARDELOTTI, Emerson. *De Medellín a Puebla: uma Igreja em Saída*. São Paulo: Reveleto – Revista Eletrônica Espaço Teológico. Vol. 13, n.24, jul/dez 2019 (p.7-21).

ULLOA, Boris Agustín Nef; LOPES, Jean Richard. *Sinodalidade, caminho de comunhão e unidade, segundo Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Revista de Cultura Teológica, Ano XXVII, n.94, Jul/Dez 2019 (p.206-220).